

SANTOS, CARLOS ALEXANDRE BARBOZA PLÍNIO DOS. **FIÉIS DESCENDENTES: REDES-IRMANDADES NA PÓS-ABOLIÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS SUL-MATOGROSSENSSES**. 2010, 477 F., IL. TESE (DOCTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL) -UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, 2010.

Resenha Crítica

Vagner Gomes Bijagó¹
vbijago@bol.com.br

Esta resenha analisa a construção metodológica da tese em Antropologia do pesquisador Plínio dos Santos, na Universidade Nacional de Brasília - UnB, defendida em 2010 e ganhadora do prêmio CAPES na área de Antropologia e Arqueologia na edição de 2011, publicada em livro no ano de 2014.

O autor aborda a história das comunidades negras rurais e urbanas quilombolas do Mato Grosso do Sul, sob a ótica do campesinato, focando de modo privilegiado a memória dos idosos para a reconstrução e compreensão da memória das comunidades estudadas desde o período da escravidão. Tendo como lócus da pesquisa etnográfica, a comunidade Tia Eva e a comunidade negra quilombola Furnas de Dionísio e Desidério Felipe de Oliveira. O trabalho procurou demonstrar as interações ocorridas entre ex-escravizados da região sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) com ex-escravizados migrantes das fazendas escravocratas do Triângulo Mineiro e do sul do Estado de Goiás. Na compreensão do autor, essas interações suscitaram o nascimento daquilo que denomina Irmandade, unificando seus membros com o objetivo comum de realizar o “projeto camponês”, sob a tríade: terra, família e trabalho. Com efeito, estas categorias nucleares forjadas no campesinato estão diretamente conectadas com a produção e reprodução do projeto camponês, dentro duma realidade profundamente marcada pelo domínio do latifúndio.

O autor narra que começou a sua experiência de pesquisa acadêmica desde 1997. Sua inserção nos estudos sobre grupos étnicos possibilitou-lhe trabalhar na Fundação Nacional do Índio/ FUNAI, onde trabalhou durante sete anos no processo de regularização fundiária das terras indígenas, produzindo laudos e relatórios antropológicos com algumas etnias. Segundo

¹ Docente no Núcleo Humanidades - UFAL Campus Sertão

ele, ao todo, foram 18 relatórios antropológicos de identificação, delimitação de terras indígenas e estudos preliminares, cujo foco principal baseava-se nos aspectos sociais, fundiários e ambientais das sociedades indígenas e quilombolas (PLÍNIO DOS SANTOS, 2010. p. 35).

De acordo com o pesquisador, estas experiências permitiram-lhe uma melhor compreensão dos campos sociais em que estão inseridos os quilombolas e os povos indígenas, principalmente com relação aos aspectos políticos, fundiários e interações com a sociedade, envolvendo questões muitas vezes conflitantes.

O autor assegura-nos que, por meio desses trabalhos de campo, conseguiu observar as imagens, os contextos sociais e históricos das comunidades negras, rurais e urbanas do Mato Grosso do Sul e estabelecer um fio condutor entre elas. Nesse sentido, estabeleceu um modelo hipotético de uma configuração que estava emergindo nas observações preliminares, isto é, a existência de uma rede ou mais, cujo fios interligavam-se via parentesco e compadrio, várias dessas comunidade.

Plínio dos Santos (2010) nos apresentou alguns dados curiosos sobre as bibliografias históricas tangente ao Estado de Mato Grosso com ênfase na região sul, desmembrada no ano de 1977, cujo objetivo foi a criação de Mato Grosso do Sul. Fato esse vai gerar uma narrativa historiográfica curiosa sobre a questão negra na região, percebeu que boa parte das obras sobre a escravidão estavam localizadas no norte do Mato Grosso, ou seja, no atual Estado do Mato Grosso. Apontando que na região sul, atual Estado do Mato Grosso do Sul, a escravidão quase não se fazia sentir, nem nas citações das obras. O autor em debate, chama atenção que, esse fato sinaliza uma “amnésia estrutural” responsável por “apagar” as marcas consideradas negativas de uma sociedade marcada pelo histórico escravocrata.

Do ponto de vista de caracterização do Estado e das comunidades com seus municípios, o autor apresenta um mapa e tabelas que facilitam a leitura e a compreensão da realidade em análise. Tais dados podem ser entendidos em alguma medida como não somente busca pela compreensão do leitor, mas também pela legitimidade do argumento duma evidência etnográfica. Ao ser autorizado a pesquisar, o autor assinala que entrevistou vários adultos e idosos, homens e mulheres com objetivo de obter memória da escravidão e da migração. Com a intenção de mapear tais elementos, construiu a árvore genealógica de cada uma das comunidades pesquisadas, para em seguida, agrupar cada uma das árvores que no seu entendimento possibilitou o clareamento sobre a grande rede de parentes que interliga, na atualidade, várias comunidades negras. Ainda em nota de rodapé, preocupou-se em nos

informar que não anexou a árvore genealógica ao trabalho devido ao seu tamanho de 10 metros de comprimento, tornando assim impraticável.

Mesmo tendo trabalhado em outros projetos com aquelas comunidades, o autor narra as dificuldades em estabelecer a confiança com a comunidade. Diz-nos que, quando chegou à comunidade Tia Eva, em março de 2008, deparou com aquilo que ele chamou de ligeiro problema, pois diferentemente dos estudos anteriores que realizou para o INCRA, no qual o trabalho respondia o pleito das comunidades quilombolas face a instituição. Conta que uma das lideranças da comunidade, a Dona Lúcia da Silva Araújo Almeida, presidente da Associação Beneficente, dos descendentes de Eva Maria de Jesus, Tia Eva, se negou em aceitar sua pesquisa na comunidade. Posto que a comunidade da referida líder já havia sido alvo de várias pesquisas por parte de estudantes de graduação das áreas de História, Ciências Sociais, Serviço Social, Turismo entre outros. Segundo Plínio dos Santos (2010), a comunidade sente que estes estudos não impactam na resolução dos seus problemas, que muitas vezes, por falta de informação, algumas pessoas da comunidade acabam acreditando que os estudantes ganham dinheiro com os dados obtidos através da pesquisa. Talvez por estas questões que a sua pesquisa foi inicialmente recepcionada com certa desconfiança.

O autor nos informa que, depois de muitas reuniões desmarcadas pela presidente, teve que ir à sua casa para melhor explicar o seu trabalho e colocar “tudo em pratos limpos”. Em seguida, sugeriu a assinatura por parte dele, de um termo de compromisso cujo objetivo dissipar qualquer dúvida sobre a sua pesquisa. Assim assinala: “nesse termo me comprometo a socializar os dados coletados com a comunidade e usar os dados da tese para projetos em benefício da comunidade. Sugeri também que marcada uma reunião com toda a comunidade para que eu pudesse explicar a pesquisa, reunião ocorrida semanas depois” (PLÍNIO DOS SANTOS, 2010, p. 47).

Fazendo jus ao método etnográfico, Plínio Santos nos leva a mergulhar no seu universo de pesquisa. Conta-nos que, com a ajuda da comunidade, em três dias, havia conseguido alugar uma casa. Tal decisão, faz parte de um recurso metodológico, evitando a sua vinculação com alguma família específica, o que poderia causar algum desconforto durante as entrevistas. Nesse sentido, procurou dosar as entrevistas em sua própria casa e dos interlocutores para assim compartilhar também seus próprios cotidianos.

Nesta passagem, com a sua fixação ou morada na comunidade onde pesquisa, o autor nos trouxe à tona os labirintos, curiosidades e os detalhes dos achados no campo. Relata que, ao passar algum tempo na comunidade, começou a ser visitado por vários moradores, alguns

deles interessados em saber o que estava fazendo ou estudando. Outros queriam lhe ouvir sobre os vários problemas da comunidade: a questão fundiária, o IPTU, a herança, o acesso à saúde, o relacionamento com os vizinhos, o calçamento das ruas, entre outros. O autor revela que alguns dos dados importantes foram obtidos em sua casa, pois muitos dos entrevistados ficavam mais à vontade para conversar sobre certos assuntos, longe das suas casas e de seus parentes. Salienta que em algumas entrevistas, os interlocutores solicitaram que desligasse o gravador, visto que o não dito publicamente não poderia ser gravado, e sim, tão somente ouvido. Desde forma, aquilo que se configurava a dimensão do não dito, gravitava em torno de conflitos familiares envolvendo terras, determinadas filiações decorrentes de relações sexuais não permitidas pela comunidade ou relações fora do casamento.

Plínio dos Santos (2010) aponta para o fato dos interlocutores terem procurado um espaço “neutro” para falar sobre conflitos que envolvem suas famílias, denotando que estes estavam se valendo de estratégias para a manutenção da reprodução do seu grupo familiar. Isto é, no sentido de preservação familiar sob pena de desmoronamento de toda sua estrutura. Esta observação parece reconhecer à dimensão “sagrada” da família, a ideia que não deve ser algo de exposição alheia: a contenda da família fica na família. E, em caso de quebrar esse “tabu”, que seja bem longe, num espaço seguro e com a pessoa que ofereça alguma garantia que as revelações não chegassem aos ouvidos da família.

Do ponto de vista de uma análise a luz dos procedimentos metodológicos cunhado pelo autor, vamos perceber uma preocupação constante em função de afirmação da sua autoridade enquanto pesquisador através das longas informações sobre a sua trajetória de pesquisa: os feitos acadêmicos, as consideráveis permanências no campo, o retorno ao campo, o detalhamento sobre a geografia do lugar, a formação do seu povo, o quadro genealógico do seu povo, as fotografias da cidade com placa de identificação das ruas, o quadro com distribuição das casas da comunidade, a farta documentação da época, os relatórios, as falas dos interlocutores, etc. Se de um lado, estes elementos apontam para um trabalho fortemente referenciado, por outro, pode sinalizar em alguma medida, uma tendência ainda que inconsciente, em afirmação da autoridade etnográfica de quem esteve lá, consubstanciado na auto explicação dos dados. Outro aspecto no campo metodológico que me parece digno de observação, tem a ver com o avanço do sinal para os limites porosos do campo restrito da Antropologia, talvez a natureza da pesquisa o tenha levado por esse entendimento, visto que o trabalho carrega consigo uma dose considerável dos procedimentos metodológicos do campo



da História (memória), aspectos da Geografia e da Sociologia, evidenciando uma ligeira sobreposição da perspectiva diacrônica.